

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 31 No. 2 2018

ESPECIAL: ARQUEOLOGIA DA INFÂNCIA

ARTIGO

## UMA CRIANÇA NASCE. O MUNDO DA CRIANÇA EM UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

Grete Lillehammer\*

Tradução de Fernanda Neubauer\*\*

### RESUMO

O mundo da criança foi deixado de fora da pesquisa arqueológica. A principal contribuição do sujeito está no campo da história social. Especial atenção é dada à transferência cultural. É apresentada uma definição do mundo da criança em conjunto com aspectos metodológicos, históricos e étnico-culturais. É feita uma revisão da história da pesquisa escandinava sobre o assunto. A classificação e os problemas na distinção de crianças no registro material são discutidos. O principal obstáculo da arqueologia está em seu conhecimento restrito do antigo mundo adulto. O estudo de material osteológico humano e testes em material lítico é visto como promissor.

**Palavras-chave:** Arqueologia da Infância; Mundo da Criança; Arqueologia Escandinava.

\* Professora emérita no Museum of Archaeology, University of Stavanger, Noruega. E-mail: [grete.lillehammer@uis.no](mailto:grete.lillehammer@uis.no).

\*\* Professora substituta no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora Honorary Fellow no Departamento de Antropologia da University of Wisconsin-Madison, Estados Unidos. E-mail: [fneubauer@uwalumni.com](mailto:fneubauer@uwalumni.com).

## A CHILD IS BORN. THE CHILD'S WORLD IN AN ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVE

---

### ABSTRACT

The child's world has been left out of archaeological research. The subject's main contribution is in the field of social history. Special attention is given to cultural transference. A definition of the child's world together with methodological, historical, and ethno-cultural aspects is presented. A review is given of Scandinavian research history on the subject. Classification and problems in distinguishing children in the material record are discussed. Archaeology's main obstacle is in its restricted knowledge of the ancient adult world. The study of human osteological material and tests on lithic material is looked upon as promising.

**Keywords:** Archaeology of Childhood; Child's World; Scandinavian Archaeology.

## NACE UN NIÑO. EL MUNDO DEL NIÑO EN UNA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

---

### RESUMEN

El mundo del niño fue dejado fuera de la investigación arqueológica. La principal contribución del sujeto está en el campo de la historia social. Se presta especial atención a la transferencia cultural. Se presenta una definición del mundo del niño en conjunto con aspectos metodológicos, históricos y étnico-culturales. Se hace una revisión de la historia de la investigación escandinava sobre el tema. La clasificación y los problemas en la distinción de niños en el registro material son discutidos. El principal obstáculo de la arqueología está en su conocimiento restringido del antiguo mundo adulto. El estudio de material osteológico humano y las pruebas de material lítico se considera prometedor.

**Palabras clave:** Arqueología de la Niñez; Mundo del Niño; Arqueología Escandinava.

INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A arqueologia há muito tempo está em trabalho de parto. A criança pré-histórica está esperando ser totalmente parida. Nesse contexto, a arqueologia está negligenciando o seu nascimento ou está pronta para o seu parentesco? A última década viu uma consciência crescente da criança pré-histórica, de uma forma que dá a impressão – com razão ou não – de que o aspecto das crianças tem sido negligenciado na pesquisa arqueológica. Poucas arqueólogas/arqueólogos examinaram o assunto ou lhe deram atenção e menos ainda o consideraram como o principal campo de interesse. Assim, pode-se questionar por que e esperar que a resposta seja impossível.

Este artigo é uma apresentação do mundo da criança do ponto de vista arqueológico. Ele aborda as principais questões sobre o que é o mundo da criança, as condições de vida das crianças e sua mortalidade, sua posição social e direitos legais nas sociedades do passado. O artigo trata então das abordagens escolhidas para responder a algumas dessas questões. Nele, o principal objetivo é dar uma introdução a um assunto pouco conhecido. Desse modo, uma visão geral é apresentada, na qual atenção especial é dada ao porquê e onde o assunto tem sido debatido, já que as potencialidades do mundo infantil na arqueologia têm sido consideradas restritas. O assunto é fácil de se aventurar já que pouco trabalho foi feito. Na literatura, geralmente poucas referências são dadas. Uma definição do mundo da criança é, portanto, necessária.

## POR QUE O MUNDO DA CRIANÇA?

O crescente interesse no mundo da criança é uma tendência que na Escandinávia é vista em disciplinas nas quais a infância, a juventude e a educação estão em debate. Os anos 1970 viram o renascimento de uma consciência mais difundida das condições das mulheres na sociedade, o que renovou o foco na vida das crianças. Como resultado, a lacuna entre as esferas privada e oficial está diminuindo. Isso legitima o uso da experiência como uma força criativa e dinâmica no trabalho de pesquisa. O assunto agora está emergindo por si mesmo.

Os últimos cem anos têm visto uma tremenda mudança na vida familiar do mundo ocidental. As condições de vida das pessoas melhoraram, as taxas de natalidade foram reduzidas, o trabalho infantil foi abolido, e a educação se espalhou para grupos maiores. Uma mudança gradual nas condições de vida das crianças emergiu e, para os adultos, um interesse crescente pelas próprias crianças. Essencial para essa nova consciência é o significado de ser uma criança. É a moderna atitude da classe média ocidental de *'puppy power'* (HODDER, 1982:198), um período passado entre brincar, escola ou família, ou uma nova classe de lazer de *'aristocratas'* exigentes? Ou é uma criança que é desejada, uma criança por si mesma? A crescente conscientização do seu mundo está ligada a um interesse adulto na vida e bem-estar das crianças e no reconhecimento destas como criadoras de seus próprios mundos. O reconhecimento delas como parceiras ativas da vida ou questões consideradas certas representam atitudes opostas em relação às crianças. Uma atitude pode levar a um interesse crescente no mundo da criança, outro pode muito bem ignorar isso. A possibilidade de um hiato entre as gerações é fortemente sentida. Esta pode ser uma das razões pelas quais o mundo infantil passou a ser reconhecido muito tarde como um campo acadêmico por si só. A principal razão para introduzir o assunto na arqueologia não é por causa de sua posição anônima, mas por

---

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente como: Lillehammer, Grete. 1989. *A Child is Born. The Child's World in an Archaeological Perspective*. Norwegian Archaeological Review, volume 22, número 2, páginas 89-105. A publicação desta tradução foi autorizada pela editora Francis & Taylor e por Grete Lillehammer.

causa de suas potencialidades em contribuir para o campo principal da história social geral. Um dos maiores desafios do mundo infantil para a arqueologia é lançar luz sobre a transferência de cultura e tradição de uma geração para outra (LILLEHAMMER, 1982:98). Ao perguntar o que o mundo da criança significa para a arqueologia, é possível abordar o assunto e demonstrar como a arqueologia pode contribuir para o conhecimento da infância em épocas anteriores.

#### O QUE É O MUNDO DA CRIANÇA?

O que significa 'entender' o mundo da criança? Ou, num contexto arqueológico, perceber que a evidência no registro material é a de uma criança? As perguntas exigem uma descrição mais ampla antes de proceder à perspectiva arqueológica sobre o assunto.

O estudo do mundo infantil está, em geral, ligado a abordagens em que a pesquisadora considera a criança como um objeto e, desse modo, é muitas vezes retrospectivo ao desenhar uma imagem da criação, brinquedos e brincadeiras, costumes e tradições e assim por diante, ou onde a criança é considerada como um assunto que lhe dá a possibilidade de se expressar (GRAMBO, 1984:169). O mundo da criança foi definido da seguinte forma (SIGSGAARD, 1979:128, *minha tradução*):

- A cultura que surge das próprias crianças e do seu envolvimento no mundo circundante.
- A cultura que é transferida para crianças dos adultos.
- A cultura que é transferida de criança para criança sem nenhum mediador adulto.

Três fatores importantes se destacam: a relação da criança com o ambiente, sua relação com os adultos e sua relação com outras crianças. Esses fatores deixam um esboço muito amplo de seu mundo. Refere-se principalmente às questões relativas às condições de vida da criança e ao estado de ser criança, ou seja, saúde e nutrição, distinção de idade e força de trabalho. Também diz respeito à diferença entre o mundo da criança e a infância.

A infância é biologicamente o período entre o nascimento e a puberdade, um estado que é restrito às crianças que vivem no presente. Para todos os outros, é um período que passou e um estado que é deixado para as memórias e para a história. Um estudo do mundo da criança, numa perspectiva de longo prazo, como o que o material arqueológico permite, é, portanto, restritivo. O indivíduo é deixado de fora para se expressar e só é visto do lado de fora. O estudo do seu mundo, em seu sentido mais amplo, inclui uma abordagem objetiva e subjetiva, que é uma realização atual jamais alcançada na arqueologia. Esta só pode vislumbrar um mundo passado. O estudo do mundo infantil foi definido acima com uma base cultural. O potencial da arqueologia reside em traçar a evidência material das crianças, o que requer conhecimento do mundo adulto, e a evidência material das crianças reflete seu engajamento para receber e assimilar as tradições culturais do mundo adulto. Assim, encontrar o mundo da criança fornece à arqueologia a questão de conhecer o mundo adulto das sociedades do passado.

#### ONDE ESTÁ O MUNDO DA CRIANÇA?

A busca pelo mundo da criança é, em primeiro lugar, um problema metodológico que limita as conclusões tiradas em nome das fontes disponíveis. Se o conhecimento do mundo adulto das sociedades pré-históricas é restrito, então o que é o mundo da criança? O mundo da criança deve ser visto a partir da pesquisadora e seu conhecimento do período e do mundo adulto em estudo. No entanto a imagem da pesquisadora de seu

próprio tempo e lugar também deve ser usada criticamente quando abordagens, modelos e teorias são considerados. Os modelos sociais refletem as atitudes da pesquisadora em relação ao passado e influenciam as abordagens escolhidas para uma análise.

A busca pelo mundo da criança também acarreta o problema da natureza representativa das fontes. Fontes escritas norueguesas estão, na melhor das hipóteses, disponíveis a partir de A.D. 1850 e mais tarde. É difícil estabelecer uma história da infância que cubra todos os aspectos de vida. Voltando há 1600 d.C., as fontes escritas encolhem para quase nada, ou seja, pedaços e fragmentos. A questão do mundo da criança é deixada para a arqueologia ou para o que um historiador chamou "por trás da fronteira de panelas quebradas" (DYRVIK, 1980:3, *minha tradução*). Então a evidência disponível de crianças representa principalmente fragmentos sociais de uma sociedade. Enquanto as fontes representarem apenas as classes superiores ou os pequenos vislumbres da vida passada, a história da infância não é completa (DYRVIK, 1980).

Um terceiro problema é a atitude do mundo adulto em relação às crianças. As crianças das sociedades do passado eram reconhecidas como um recurso próprio ou, pelo contrário, como ameaças ou brinquedos a serem manipulados? Uma abordagem histórica dessas questões parece necessária.

#### UMA HISTÓRIA DA INFÂNCIA

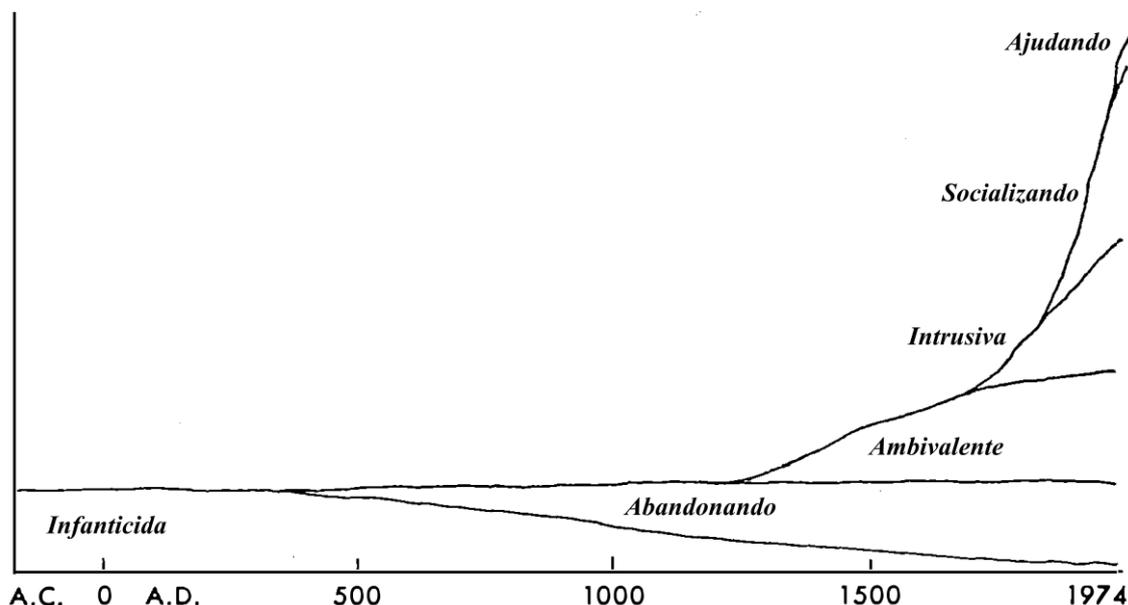
A história da infância é dominada por duas visões diferentes. Uma une o conceito a mudanças na história social da família à descoberta da infância no período entre os séculos XV e XVII na Europa e ao renascimento desde a antiguidade do interesse pela educação (ARIES, 1960). De acordo com Aries (1960), as mudanças ocorreram nas classes mais altas, o que levou a uma transformação na visão sobre a criação e a educação das crianças. Durante os séculos XVIII e XIX, as atitudes foram alteradas por reformas, pedagogia e legislaturas. O desenvolvimento mudou a vida das crianças de uma infância 'curta' a uma 'longa'. A sociedade medieval na Europa não distinguia uma criança de um adulto depois dos sete anos de idade. Nessa idade ela não precisava de cuidados constantes de ninguém e então pertencia ao mundo dos adultos. Na sociedade europeia dos séculos XVIII e XIX, "tudo relacionado com as crianças e a vida familiar tornou-se um assunto digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas sua presença e sua própria existência são motivos de preocupação: a criança ocupou um lugar central na família" (ARIES, 1960:133).

Um crítico de Aries apresenta outra visão sobre a história da infância. A criança é considerada como uma ameaça, uma abordagem psico-histórica, em sua explicação.

A história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais recuarmos na história, menor o nível de cuidado infantil, e mais provável que as crianças serão mortas, abandonadas, espancadas, aterrorizadas e abusadas sexualmente (DE MAUSE, 1974:1).

De Mause (1974) descreve a história desde a antiguidade até o presente como uma evolução em seis etapas, desde o infanticídio, o abandono e a ambivalência até a intromissão, a socialização e a ajuda às crianças (Figura 1). O processo é caracterizado por uma convergência contínua entre mãe/pai e filha/filho, sendo o pai o indivíduo que encontra a criança como ameaçadora e provocante.

**Figura 1** - A série de seis modos de criação de crianças. Modelo evolutivo de criação de crianças pelo de Mause (1974, Tabela 3).



As obras de Aries e de Mause lidam com diferentes aspectos da história da infância, e suas obras se complementam. A principal contribuição de de Mause aponta para a relação entre as mães e pais (cuidadores) e a criança para o fato central e evidente de que as mães/pais são os próprios produtos de uma infância. Os modelos e os motivos subjacentes por trás da criação de crianças fazem parte de uma tradição passada de uma geração para outra, de experiências e reações a crescer. O processo explicado por de Mause sofre mudanças, mas o autor evitou cuidadosamente responder por que e onde ocorreram essas mudanças na criação das crianças. Sua contribuição é, portanto, restrita em sua abordagem e não um ataque pesado a Aries como pretendia ser.

Ninguém pode negar o impacto do estudo de Aries sobre a compreensão da infância em relação à história da vida familiar europeia. Sua indicação para as mudanças na vida familiar e suas consequências para as crianças e a posição destas na sociedade é fundamental. Um modelo que leva em conta o fato de que mudanças no mundo familiar e, desse modo, também no mundo adulto, em última instância, levam a mudanças na vida das crianças merecem atenção. A composição e estrutura da família é um fator que passou por transformações históricas e contribuiu, assim, tanto para a melhoria quanto para a deterioração das condições de vida das crianças.

As opiniões de Aries e de Mause não ficaram sem críticas. Uma posição cautelosa no campo da 'história da mentalidade' tem sido recomendada (GUTTORMSSON, 1983:13), e a representatividade tem sido criticada. As críticas referem-se principalmente ao uso restritivo de fontes por de Mause (DYRVIK, 1980:13) e ao foco na vida familiar das classes altas por Aries (DYRVIK, 1980; ZERLANG, 1984). Pesquisas escandinavas recentes dentro das áreas temáticas da história da família mostram que o modelo de Aries, com seu desenvolvimento paralelo da consciência da infância e da família, não é aplicável a todas as áreas da Europa (GUTTORMSSON, 1983). Na Noruega, as principais mudanças vieram como resultado dos processos de industrialização com a passagem de uma economia baseada na produção familiar para uma economia de mercado (SOGNER, 1984). Essas evidências demonstram que o conceito de "infância é uma categoria social e não biológica" (AMBJÖRNSSON, 1974:1, *minha tradução*). Um estudo sociodemográfico

da infância, juventude e educação na Islândia no século XVIII elabora essa visão de forma mais aprofundada.

Na sociedade islandesa não industrial, não feudal e tradicional de meados do século XIX, a estrutura social permaneceu essencialmente “medieval” até o século XIX. A cultura urbana e burguesa não se desenvolveu. Uma economia estabelecida agrícola e de pesca funcionaram lado a lado com um ciclo de vida familiar. As famílias geralmente incluíam um ou mais membros sem relação com o núcleo familiar. Não foram encontradas instituições especializadas, como escolas.

A categoria de jovens – *ungdomur* – alguém com oito anos de idade até 'adultos' solteiros com trinta e tantos anos, representava dois grupos subordinados, crianças e servos. A ausência de obrigações trabalhistas regulares foi considerada a marca mais distintiva para o estado da infância. A idade em que o indivíduo saía de casa marcava um ponto importante na vida da pessoa. A infância era deixada para trás por volta dos 6 a 7 anos de idade. Então, o indivíduo gradualmente assumia um papel responsável na economia doméstica. Os recém-nascidos não passavam de seres humanos em potencial, considerados apenas 'promissores' no final do primeiro ano crítico (GUTTORMSSON, 1983:222, 224).

Durante os dez a doze mil anos de presença humana na Escandinávia, ocorreram mudanças nas condições de vida das crianças. Do ponto de vista arqueológico, diferentes modelos de vida familiar têm que ser operados, e é necessária uma definição mais próxima da família. A infância mesolítica e a vida familiar pedem outra definição diferente daquela considerada na Idade do Ferro e na Escandinávia Medieval. Assim, uma abordagem étnico-cultural do mundo da criança deve ser considerada.

#### O MUNDO DA CRIANÇA NUMA PERSPECTIVA ETNO-CULTURAL

Uma abordagem etno-cultural é central para a compreensão do mundo da criança. O tempo e o estado de ser criança variam entre culturas, dependendo de fatores sociais, econômicos e tecnológicos. As vidas das crianças em diferentes culturas mostram um alto grau de variedade. As crianças são uma parte menor da vida humana, um grupo sem autoridade e com condições de vida determinadas pelos adultos e também indiretamente pelo modo de vida adulto (BARTH, 1976). O sistema social da sociedade poderia ser construído em distinções de idade. O comportamento de uma criança seria condicionado por sexo, idade, número de crianças na família, educação, papéis da mãe e do pai, estrutura social e controle, divisão de trabalho, economia e produção, padrões de assentamento e ambiente (WHITING & WHITING, 1975).

Um modelo demonstra alguns dos fatores psicoculturais que influenciam o comportamento das crianças (Figura 2) e aponta para os sistemas de história, meio ambiente e manutenção como fatores importantes para o seu aprendizado. Fatores que são importantes para aprender com o ambiente são os seguintes:

- configurações ocupadas
- cuidadores e professores
- tarefas atribuídas
- carga de trabalho da mãe.

A pesquisa intercultural concentrou-se principalmente no desenvolvimento cognitivo de crianças de diferentes culturas. Uma análise das variedades de comportamento social das crianças, desenvolvidas em diferentes partes do mundo, procurou combinar abordagens interculturais com intraculturais. As mesmas crianças foram comparadas com outras dentro de sua própria cultura bem como com as de

diferentes culturas (WHITING & WHITING, 1975: 2). Esse estudo demonstra que as culturas com especialização relativamente simples, uma estrutura política baseada em parentesco localizada, nenhum sacerdócio profissional, nenhum sistema de classes e castas têm filhas/filhos que são altamente responsáveis pela educação – ou seja, espera-se que as crianças ajudem as suas mães/pais na realização de tarefas econômicas (Tabela 1) e no cuidado de irmãs e irmãos. O padrão de assentamento consiste em moradias com poucos ou nenhum prédio público. As mulheres são importantes contribuintes para a base de subsistência da família e têm uma carga de trabalho pesada e responsável.

**Figura 2** - Um modelo de pesquisa psicocultural que demonstra os principais fatores envolvidos na criação (WHITING & WHITING, 1975).



Culturas com um sistema socioeconômico mais complexo, especialização ocupacional, governo central, sacerdócio, estratificação social e aldeias nucleadas com prédios públicos têm crianças com altas pontuações em relação à dominância ostensiva e egoísta, e baixas pontuações em relação à responsabilidade pela educação. Essas crianças se concentram em ir bem na escola e na educação. As mulheres dependem de seus maridos para apoio econômico e não contribuem para a produção de alimentos. As crianças desempenham menos tarefas econômicas do que o primeiro grupo e têm menos obrigações de trabalho (Tabela 1). Essas descobertas de pesquisa são baseadas em uma quantidade restrita de evidências. Não obstante, eles apoiam extensivamente a teoria de um elo entre a organização da sociedade e a estrutura do mundo da criança. Assim, uma complexa rede de fatores socioeconômicos influi no processo de socialização das mesmas. A relação entre dependência e responsabilidade, sua carga de trabalho e obrigações, mudanças no alcance e no escopo depende do ambiente e do sistema de manutenção da sociedade.

**Tabela 1** - Porcentagem de crianças em seis culturas relatadas e/ou observadas realizando determinadas tarefas (WHITING & WHITING, 1975).

Tarefas	Culturas mais simples			Culturas complexas		
	Nyan-songo	Juxtla-huaca	Tarong	Taira	Khala-pur	Orchard Town
Coletar lenha	44	27	58	13	13	—
Buscar água	75	64	20	18	29	—
Coletar forragem	0	5	13	8	17	—
Limpar e varrer	31	41	59	59	33	92
Preparar comida	19	5	42	0	4	0
Colher verduras	25	14	36	0	9	0
Moer grãos	38	9	8	0	0	—
Cozinhar	31	5	29	0	0	4
Jardinagem	75	14	13	13	4	—
Cuidar de aves	0	9	29	25	—	13
Cuidar de animais domésticos	0	23	33	21	13	—
Atar	0	9	29	0	0	—
Pastorear	50	5	37	4	33	—

## O MUNDO DA CRIANÇA – A BRINCADEIRA DA CRIANÇA

Nos estudos históricos da infância, pouca atenção tem sido dada aos aspectos de jogos e brincadeiras, dois conceitos que, do ponto de vista ocidental, são uma das principais características das crianças da contemporaneidade. Pode haver várias razões para não terem analisado esses aspectos mais a fundo. Jogos e brincadeiras são partes óbvias do mundo da criança e, assim, facilmente negligenciadas; ou o brincar é considerado como um dos vários aspectos da aprendizagem da criança provenientes do meio ambiente.

O modelo na figura 2 demonstra que jogos e brincadeiras fazem parte do sistema expressivo projetivo da sociedade e, dessa forma, também parte do mundo do indivíduo adulto que está influenciando a natureza do brincar. Em seu sentido mais amplo, a brincadeira não se restringe ao mundo da criança. O brincar tem uma função social nos rituais e na vida adulta. Jogos e brincadeiras fazem parte da estratégia social para manter uma identidade cultural (CHESKA, 1979; FOX, 1980). A brincadeira da criança tem uma função social semelhante à do mundo adulto. É criada e desenvolvida em uma base cultural. A brincadeira da criança difere da brincadeira do adulto, na medida em que expressa mais diretamente a vida cotidiana das crianças. Reflete seus desafios e correções, suas adaptações ao crescimento.

O brincar da criança funciona como um mediador entre o mundo da criança e o mundo adulto. As crianças imitam o mundo adulto desempenhando papéis biológicos e sociais que muitas vezes refletem e adaptam os papéis que os adultos têm na comunidade. Essa criação é deles. É o mundo das crianças que tem uma dimensão para as próprias crianças. Tem seu próprio conteúdo, estrutura e regras, que são transferidas de uma geração de crianças para outra (GRAMBO, 1984; RYDING, 1981; ØSTBERG, 1979).

A brincadeira da criança não é uma questão de lazer e tempo livre de uma rotina diária; é uma expressão do trabalho da criança para crescer. A brincadeira infantil é então um documento de significação cultural e histórica, um aspecto do seu mundo que é fundamental para o seu processo adaptativo. Quando tratadas numa perspectiva

arqueológica, são esperadas variações culturais e mudanças históricas na forma como as crianças trabalharam e brincaram para se adaptarem ao mundo circundante.

#### O MUNDO DA CRIANÇA POR TRÁS DOS POTES QUEBRADOS

De que maneira a arqueologia pode contribuir para o conhecimento do mundo da criança? A imagem de uma disciplina negligente é verdadeira ou falsa? A resposta depende do objetivo da arqueologia em incorporar o mundo da criança em uma análise arqueológica. Se o objetivo principal é descobrir as condições de vida das crianças nas sociedades do passado, então envolve dois dos conceitos mais centrais de sua disciplina, os conceitos de adaptação e aculturação. Em termos das descobertas das pesquisas etno-culturais, significa aprender com o meio ambiente. Envolve também o problema central de encontrar o mundo da criança no registro arqueológico, um problema que é metodológico e diz respeito à representatividade das fontes arqueológicas.

A busca por evidências arqueológicas sobre crianças tem dois gumes: é tanto um desafio quanto um problema. A possibilidade da arqueologia de descobrir o mundo da criança na forma de dados arqueológicos depende de seu conhecimento do mundo adulto nas sociedades do passado. A busca por crianças na arqueologia envolve, assim, uma abordagem holística, na qual o foco é colocado diretamente nas crianças, e este é um desafio para a arqueologia.

O problema é o de encontrar o mundo da criança, mas que na arqueologia não se restringe somente a este assunto: é um problema geral que diz respeito ao caráter do registro arqueológico. Problemas específicos dessa área de pesquisa envolvem a escolha de quais etapas iniciais devem ser tomadas para se fazer uma descoberta. Isso significa um aumento nas perguntas feitas em nome do registro de material para contar as distinções de idade e idade. O fato referido por Barth (1976) de que as crianças são produto de um mundo adulto nos conduz a outras questões. Quando as crianças nas sociedades passadas passaram a idade da infância? Como isso aconteceu? É materializado no registro lógico arqueológico? Outra questão importante é a transferência de tradições culturais de uma geração para outra (LILLEHAMMER, 1982, 1987). Envolve o processo de aprendizagem e socialização das crianças. Como as crianças se adaptam ao meio ambiente? Existe uma diferença entre sociedades caçadoras-coletoras e sociedades rurais, entre sociedades mais ou menos estratificadas, e assim por diante? A evidência etno-cultural mencionada anteriormente confirma os pressupostos de uma relação entre a estrutura socioeconômica e as condições de vida das crianças.

Outro problema diz respeito à escolha das categorias das fontes para obter as evidências mais sólidas. No material arqueológico, as principais categorias a esse respeito vêm de enterros, depósitos de pântano e assentamentos. A base mais apropriada para uma interpretação é o esqueleto das crianças. Conclusões extraídas de achados sem esse tipo de evidência teriam que ser extraídas indiretamente, usando métodos comparativos. Isso envolve uma discussão do contexto cultural dos fósseis arqueológicos, dando atenção especial à distinção entre encontrar a vida cotidiana comparada com ritual, resultados aleatórios comparados com depósitos intencionais. Um exame completo dos dados e um teste dos resultados em nome da evidência arqueológica são necessários para que as conclusões funcionem como base para análises posteriores.

#### DOS BRINQUEDOS DA CRIANÇA AO MUNDO DA CRIANÇA – TENTATIVAS DA/O ARQUEÓLOGA/O

Qual é, então, a situação da arqueologia atualmente? O esboço principal da arqueologia escandinava é visto através de um breve olhar em sua história de pesquisa. A

literatura é confinada a este século, um século que na Escandinávia foi nomeado de 'o século da criança' (KEY, 1902, *minha tradução*). Durante o longo tempo que levou a um avanço do assunto na arqueologia, a descoberta do mundo da criança é um processo aleatório. Em geral, é a evidência marcante que fala por si só. A arqueóloga é forçada a fazer reflexões sobre o caráter do achado arqueológico. As interpretações são tiradas principalmente de enterros que contêm crianças ou crianças enterradas com adultos, ou de brinquedos – a materialização de *homo ludens* em sapatos pequenos. A evidência material abrange o tempo desde a Idade da Pedra até a Reforma, assim incluindo material do Período Medieval na Escandinávia.

A partir dos anos 1970, há uma mudança de atitude. O mundo da criança continua a aparecer aleatoriamente entre o corpo de dados arqueológicos, mas uma atitude nova e mais consciente surge em relação ao assunto. Consequentemente, há um *feedback* que ilustra uma relação próxima entre as perguntas feitas e os objetos procurados no material arqueológico. O breve esboço dado aqui é principalmente restrito à pesquisa norueguesa e à literatura do século XX, mas reflete as principais características do seu desenvolvimento.

No período entre 1900 e 1970, passos são tomados para uma abordagem do mundo da criança. As explicações referem-se principalmente a brinquedos: uma descrição sobre o desenvolvimento da pesca norueguesa desde a Idade da Pedra até o Período Medieval explica os pequenos pesos para pescas (*sinkers*), como pesos para pescas de meninos, feitos pelos pais para seus filhos (NORDGAARD, 1908:88-89). Os pequenos cavalos de latão medieval eram considerados brinquedos (BRØGGER, 1921:87; SHETELIG, 1918:234). Os brinquedos foram distinguidos no material arqueológico das cidades medievais de Oslo e Bergen (GRIEG, 1933).

O primeiro enterro de uma criança que foi interpretado como a sepultura de uma criança foi o enterro do Período Migratório do sudoeste da Noruega. O escavador o explicou como sendo uma sepultura dupla, para mãe e criança, com base na evidência de fragmentos de dente e na composição e posição do equipamento na sepultura (GJESSING, 1920:9-31). Um achado funerário da Idade do Ferro Tardio, de um dos vales das montanhas do sul da Noruega, continha equipamento de pequeno porte. O túmulo foi interpretado como um enterro possivelmente pertencente a uma criança, por causa da falta de restos esqueléticos. O equipamento funerário é o seguinte: espada, lança, machado, caçarola e frigideira (GJESSING, 1934:60). A interpretação foi posteriormente mantida por outros (HAGEN, 1953:294; PETERSEN, 1951:376), entre os quais Hagen foi o primeiro a dar uma explicação mais ampla e vívida ao achado, apontando para a infância de um menino em uma fazenda da Era do Ferro em um dos vales montanhosos da Noruega. Evidências de crianças no material arqueológico foram posteriormente também descobertas por outras/os arqueólogas/os. Escavações de assentamentos do Período Migratório na Noruega (BAKKA, 1961; SELBOE, 1965:493) e da Idade do Ferro e do Período Medieval na Dinamarca, Islândia e Groenlândia (ELDJARN, 1965:495; LYS DAHL JENSEN, 1975:113-116) mostram isso claramente.

Durante a década de 1970, essa abordagem casual foi abandonada. No despertar da tendência feminista na pesquisa acadêmica escandinava, novas abordagens ligaram o tema do mundo da criança a uma perspectiva histórica. A história da infância foi introduzida na Noruega como um novo campo na história, ampliando a perspectiva de sua disciplina. Ao mesmo tempo, na arqueologia, um avanço foi visto na literatura bibliográfica arqueológica, com a introdução do conceito 'criança' no índice de assunto (NAA, 1980). Em 1985, uma palestra introdutória sobre o assunto foi dada na Universidade de Bergen (LILLEHAMMER, 1986).

O primeiro sinal de uma mudança veio em 1973 com um artigo escrito por uma arqueóloga sueca que lidava com sepultamentos de crianças no grande cemitério viking de Birka, na Suécia (GRÄSLUND, 1973). O foco foi colocado diretamente na própria criança e, dessa maneira, marcou uma mudança de interesse. No XIV Congresso de Arqueologia Nórdica, uma arqueóloga finlandesa inspirou outros a investigar a relação entre estrutura social e estudos sobre cemitérios (LEHTOSALO-HILANDER, 1974).

Em 1979, a ONU celebrou 'O Ano Internacional da Criança'. Na Noruega, isso foi marcado pela apresentação do mundo da criança nas sociedades do passado através de diferentes mídias, incluindo exposições (LILLEHAMMER, 1979). Novas escavações e resultados revelaram extensa informação sobre o assunto. Esses exemplos demonstram as dificuldades envolvidas na descoberta do mundo da criança. Somente através de materiais e objetos que favorecem uma análise atenta isso é possível. As radiografias da pequena espada do sepultamento infantil da Idade do Ferro, mencionada acima, demonstraram que o objeto não tinha aço para reforçar a aresta de corte (FREDRIKSEN, 1979:23). A explicação de um equipamento substituto mostrou-se convincente em uma área da Noruega rica em ferro-lodo. Um enterro precoce de crianças romanas do sudoeste da Noruega continha uma criança entre 0 e 7 anos de idade. A gama de equipamentos não foi restringida por distinções de idade. O inventário consiste de um pote e dois broches de bronze (ROLFSEN, 1978:103-107).

Um enterro da Idade Romana do norte da Noruega, de uma criança de 2 anos de idade, mostrou que a maior parte do inventário era semelhante aos dos adultos. O equipamento consiste em um pente de osso, broches e agulhas de bronze, uma faca de ferro, fragmentos de cerâmica e garras de ursos. No entanto, o sepultamento também contém objetos descritos como um pão, um osso de peixe esculpido, duas figuras de osso de baleia, conchas e caracóis (VINSRYGG, 1979:31-32).

Até o momento, os anos 80 assistiram à continuação da inclusão de crianças em uma pesquisa arqueológica. Um fluxo constante de projetos e publicações tem surgido e é o fruto das pesquisas cultivadas e amadurecidas na década de 1970. Apresentações de resultados de escavações antigas e novas de cemitérios também compreendem análises humano-osteológicas e demográficas. Um amplo período de tempo é coberto, variando do Mesolítico ao Período Medieval.

Algumas das pesquisas são de natureza pioneira. Entre os projetos e obras a serem mencionados aqui estão os cemitérios mesolíticos de Bøgebakken, Dinamarca (ALBRETHSEN *et al.*, 1976, ALBRETHSEN & BRINCH PETERSEN, 1977), e Skateholm, Suécia (LARSSON, 1984), e os cemitérios do Período Viking de Birka, Suécia (GRÄSLUND, 1981) e Luistari, Finlândia (LEHTOSALO-HILANDER, 1982). Análises demográficas de populações pré-históricas na Suécia e na Dinamarca foram realizadas (WELINDER, 1979, 1986). Um projeto interdisciplinar que inclui uma análise arqueológica e humano-osteológica do homem da Idade do Ferro na Dinamarca foi realizado (SELLEVOLD *et al.*, 1984). Análises de agrupamento de cemitérios baseados em material do Neolítico Médio, Idade do Bronze Inicial e Idade do Ferro Inicial e Tardia na Suécia foram trabalhadas (HØGESTØL, 1981, 1983).

## ARQUEOLOGIA E A BRINCADEIRA DA CRIANÇA

A revisão geral do desenvolvimento na arqueologia escandinava mostra claramente que a brincadeira da criança tem sido a principal questão para distinguir crianças no registro material. Objetos de sepultamento e objetos de escavações de assentamento foram classificados como brinquedos. Os objetos são classificados em quatro grupos: (1) objetos musicais, (2) objetos da vida profissional, (3) peças de jogos e (4) objetos para

educação física e esportes. Esses objetos refletem a capacidade das crianças e necessidade para se ajustarem socialmente, imitando o mundo adulto.

Além disso, a brincadeira das crianças é encontrada na literatura nórdica. Além da tradição oral e do brincar com os dedos, deixados de fora, o jogo de papéis sociais é conhecido, ou seja, brincar de fazendeiro e construir fazendas, brincar de guerreiro e de velejar navios de guerra, brincar de bispo e de construir igrejas e altares. Vários tipos de jogos para fortalecer a mente e o corpo são conhecidos, ou seja, aprender o manuseio de armas (arco e flecha, lança e pedras), jogar bola, nadar, velejar, remar e escalar, para as crianças mais velhas. Para as crianças menores, esqui e andar de skate, além de montar tanto para meninas como para meninos (TILLHAGEN, 1956). No Período Viking, as crianças eram enviadas de casa para serem criadas por amigos da família (TILLHAGEN, 1956: 350), provavelmente um costume entre as classes altas. Diferenças na sua posição não eram consideradas importantes. Companheiros de brincadeiras e equipes da infância foram a base para uma amizade adulta. Antes do ano 1000 dC, os meninos eram considerados homens crescidos para portar armas aos 12 anos de idade. Mais tarde, a idade de 15 anos era o limite da infância (TILLHAGEN, 1956). A figura aqui elaborada aproxima-se do período acima referido por Aries (1960). No entanto, a informação do mundo da criança na literatura é restrita. Ela apresenta apenas vislumbres curtos do Período Medieval e o período de transição no final da pré-história. Ainda assim, confirma a suposição de uma relação próxima entre uma expectativa adulta e sua compreensão do mundo da criança. Jogos diferenciados e classificados do material arqueológico mostram isso claramente.

Os brinquedos eram tradicionalmente feitos de materiais simples e orgânicos, e também eram frequentemente descartados ou jogados fora (SVENSSON, 1933:97). Apesar disso, a lista de objetos arqueológicos é surpreendentemente longa. Em primeiro lugar, há objetos musicais ou criadores de ruídos, como chocalhos (GRÅSLUND, 1973:164, 167-171; HERTEIG, 1961:28-29; SELBOE, 1965:487-488), assobios de pássaros (SELBOE, 1965:488) e rugidos (TILLHAGEN, 1956:350; WEBER, 1982:86, 89). Depois, há uma variedade de objetos que refletem os papéis da brincadeira da criança e imitam os aspectos socioeconômicos do mundo adulto. Existem figuras humanas explicadas, como bonecas (ELDJARN, 1965:495; SELBOE, 1965:493), animais, peixes e pássaros de metal, osso, madeira e pedra (BAKKA, 1961; BRØGGER, 1921; GRIEG, 1933:151; HERTEIG, 1961:28; SELBOE, 1965:488-491; SHETELIG, 1918; VINSRYGG, 1979:31). Pequenos pratos de pedra de forma redonda são explicados como sendo imitações de pratos para assar e fritar (ELDJARN, 1965). Pequenos (*avlsteiner*) de argila queimada (LYSDAHL JENSEN, 1975), vasos em miniatura e vasos feitos de metal, pedrasabão e argila queimada são explicados como a louça da criança (ELDJARN, 1965; GRIEG, 1933:151; GRØN, 1984[1926]:57; HERTEIG, 1961:28; SELBOE, 1965:492, 493; SVENSSON, 1933:102). Pequenos *spindle whorls* (WEBER, 1982:89), pesos para pesca (NORDGAARD, 1908), bastões de pedra (VINSRYGG, 1978:59), flechas (LARSSON, 1986), machados em miniatura (GJESSING, 1934; HAGEN, 1953; JOHANSEN, 1986; MAIMER, 1962:655) e cinzéis (LILLEHAMMER, 1982:98), chifres de ovelhas e ossos de animais, para imitar animais de fazenda (ELDJARN, 1965), e barcos de madeira (GRIEG, 1933:149, 151). Todos esses são objetos que refletem o mundo adulto. Outra categoria de objetos é aquela que reflete a arte do jogo. Há peças de jogos (GRIEG, 1933:151-152; SELBOE, 1965:493, 494), seixos (ELDJARN, 1965, LILLEHAMMER, 1982:98-99, WEBER, 1982:86) e outros objetos para entretenimento e diversão, como o pião, conchas e caracóis (VINSRYGG, 1979). Esportes e educação física são refletidos em bolas de couro (WEBER, 1982:86) e armas de madeira e metal (ELDJARN, 1965; GJESSING, 1934; GRIEG, 1933:152; SELBOE, 1965: 493; WEBER, 1982).

Os objetos classificados explicados acima como brinquedos foram principalmente distinguidos em função de seu tamanho, tipo e forma. A classificação tem sido feita de acordo com elementos associados com coisas lúdicas, subjetivamente talvez também por causa das memórias da própria infância da/o arqueóloga/o. Isso é mais aparente na classificação de objetos de assentamentos escavados. Objetos de sepultamentos têm sido parcialmente identificados com base em análises osteológicas humanas, em parte por causa do caráter ou tamanho do objeto ou do túmulo (veja referências anteriores).

A evidência mais impressionante das crianças é fornecida por descobertas que testemunham diretamente a preocupação de uma criança. 'A goma de mascar do passado' – as marcas de dentes de uma criança em um pedaço de resina de um sítio montanhoso mesolítico ligam a sua descoberta à confecção de pontas de lança de osso inseridas com micro-lâminas de sílex (BANG-ANDERSEN, 1976, 1979). Aqui a evidência das crianças é convincente. É de um tipo que está longe de ser conjectura e especulação e não está em conflito com a mente cientificamente treinada.

Os problemas que surgem em distinguir o mundo da criança no material arqueológico são melhor ilustrados quando se discute os objetos arqueológicos como brinquedos. Para ilustrar o problema, escolhi as minutas. Esses objetos dizem respeito à questão do tamanho em relação ao contexto arqueológico, e um exemplo são potes em miniatura de argila queimada. Anteriormente, este tipo de pote foi explicado como sendo um saleiro (ALBRECHTSEN, 1956:201-202, LYSDAHL JENSEN, 1975:113-115). Recentes descobertas arqueológicas mostram que outra explicação deve ser considerada. Potes em miniatura foram escavados de *postholes* em casas dinamarquesas da Idade do Ferro e interpretados como depósitos rituais (JACOBSEN & LORENTZEN, 1986).

Os brinquedos no contexto de miniaturas e ritmos merecem ser discutidos. Eles tocam na questão dos símbolos. Na Escandinávia, durante a Idade do Bronze, miniaturas de bronze foram usadas para o sepultamento. As miniaturas copiavam objetos de tamanho normal. O hábito de colocar miniaturas com a pessoa enterrada recebeu explicações diferentes, seja para propósitos religiosos ou para economizar metal – ou seja, enganar os mortos (BRØNDSTED, 1966:157-158, 174). Enquanto as miniaturas vierem de enterros, essa categoria de resultados reflete a evidência do comportamento ritual. As miniaturas das armas da Idade do Ferro foram explicadas em termos de uso de magia (NÄSMAN, 1973) e, similarmente, para os machados em miniatura das Idades Neolítica e do Bronze (JOHANSEN, 1986). As painéis em miniatura de *postholes* nas casas dinamarquesas da Idade do Ferro vêm de moradias e não de sepultamentos, pântanos e assim por diante. Ilustra claramente o problema de separar o sagrado do profano bem como distinguir brinquedos de outros objetos.

Pequenas pontas de flecha foram escavadas de um sepultamento infantil mesolítico em Skateholm, Suécia (LARSSON, 1986, Figura 4). Essas eram menos elaboradas que o mesmo tipo de objeto de tamanho normal. As pontas são brinquedos ou armas de Skateholm? Enquanto o brincar for adaptativo ao meio ambiente, devemos ter em mente que os brinquedos de uma criança não devem necessariamente se restringir a objetos que não funcionam no mundo adulto. Imitações de ferramentas e armas poderiam ter sido feitas para fins de treinamento. Nos tempos recentes, na Noruega, sabe-se que foram feitos pequenos *spindle whorls* e ferramentas manuais para a debulha (WEBER 1982:89, 91, Figura 7). Este é um exemplo de transferência cultural de uma geração para outra. Dessa maneira, as crianças aprenderam os métodos e técnicas tradicionais importantes para a agricultura familiar, "um processo importante em uma sociedade antiga inteiramente dependente da experiência" (WEBER 1982:92).

Qual é a diferença entre a aprendizagem da criança e a brincadeira da criança? As crianças nem sempre brincaram para se adaptar ao mundo adulto? Se apenas os

brinquedos estão ligados ao divertimento e ao passatempo, "o espírito de diversão induzida através dos brinquedos" (DAIKEN, 1953:16), então a teoria dos brinquedos refletindo em miniatura o progresso da humanidade (FOLEY, 1962:8) é a mais convincente. Se a brincadeira da criança é também o veículo para aprender a se adaptar ao mundo adulto, então as crianças de sociedades passadas tinham a mesma necessidade básica de brincar que as crianças modernas. O fato de que ambos os aspectos da aprendizagem e da diversão são refletidos nos brinquedos ilustra claramente as possibilidades de encontrar o mundo da criança no material arqueológico.

#### A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUEOLOGIA PARA O CONHECIMENTO DO MUNDO DA CRIANÇA

Os brinquedos da criança têm até os dias de hoje sido a principal contribuição da arqueologia para o mundo da criança. Como a arqueologia pode contribuir mais para o conhecimento de crianças pré-históricas? Ao abordar o mundo das crianças do ponto de vista arqueológico, dois conceitos são importantes, ou seja, os conceitos de adaptação e aculturação. Trata-se da questão da aprendizagem e da questão das condições de vida da criança e possibilidade de crescer.

Há um forte aspecto de mortalidade na infância. Duas causas principais estão presentes, uma biológica e outra cultural (BRAY, 1973). A mortalidade infantil natural é causada por defeitos genéticos ou estado de saúde. Os fatores culturais que dependem da adaptação humana ao meio ambiente resultam na mortalidade infantil causada quer pelas normas de controle e regulação do parto – *i.e.*, aborto artificial e infanticídio, ou pelo efeito nas condições de vida – ou seja, nutrição, higiene e cuidados, doenças, acidentes e negligência, carga de trabalho e brincar, e assim por diante. Os fatores culturais são aqui a importância principal.

O infanticídio como método de regulação infantil está documentado na literatura nórdica. Sabe-se que foi praticado na Escandinávia e na Islândia antes da introdução de uma lei cristã. O hábito não era bem-visto na sociedade nórdica e praticado apenas como último recurso (HOVSTAD, 1956:347-348). Diz-se que uma fonte árabe esclarece esse hábito, mencionando a população de Hedeby, que jogavam crianças recém-nascidas no mar (GRAHAM-CAMPBELL & KIDD, 1980:50).

Provas de aborto artificial e infanticídio no material arqueológico da Escandinávia são difíceis de encontrar. Crânios de menos de quatro recém-nascidos (B. SELLEVOLD, *comunicação pessoal*) foram descobertos juntos em 1987 em um pântano em Jæren, na Noruega, e foram datados por C-14 para o início da Idade do Ferro (P. HAAVALDSEN & L. PRØSCH-DANIELSEN, *comunicação pessoal*). Em 1949, os restos mortais de 20 infantes foram encontrados nas partes externas de um túmulo da Idade do Bronze, marcado com pedras em Gotland, na Suécia (LINDQUIST, 1981). Um achado semelhante é conhecido de outro túmulo da Idade do Bronze, marcado com pedras em Gotland, que continha os restos mortais de mais de 30 infantes junto com ossos de animais de mamíferos e aves (SJÖBERG, 1976:136). A interpretação desses achados espalhados é difícil. Infanticídio, oferendas infantis bem como o sepultamento de crianças falecidas ou natimortas poderiam ser as explicações dessas descobertas.

Uma alta taxa de mortalidade infantil é esperada nas sociedades pré-históricas. Uma estimativa de mortalidade infantil de 50% em sociedades caçadoras-coletoras tem sido sugerida (HASSAN, 1975, Tabela 1). Já uma maior mortalidade é esperada em sociedades mais densamente povoadas. Em três cemitérios pré-romanos ocidentais-suecos de habitações rurais, uma distribuição etária dos óbitos entre indivíduos menores de 20 anos mostra que as estimativas mais altas estão no grupo infantil, entre 48 e 73% (WELINDER, 1979, Tabelas 16-17). As evidências de um cemitério mostram que 55%

das pessoas que morreram antes dos 22 anos morreram dentro de um mês após o nascimento e 66% antes da idade de um ano (WELINDER, 1979:98).

Outros exemplos de cemitérios suecos demonstram uma taxa de mortalidade entre indivíduos de 0 e 18/20 anos entre 62 e 19%, diminuindo a taxa com os grupos etários mais velhos (GRÄSLUND, 1973:162-163). A proporção de enterros de crianças em diferentes cemitérios tem sido sugerida como sendo pelo menos 25-30% do total (GRÄSLUND, 1981:82). No entanto, o material apresenta um grande grau de variedade, de 11 a 31%, representado em cemitérios mesolíticos da Dinamarca e Suécia (ALBRETHSEN *et al.*, 1976, Larsson 1984, *meus cálculos*) a 17% nos cemitérios da Idade do Ferro da Dinamarca (SELLEVOLD *et al.*, 1984:208) e 1-18% em cemitérios suecos da Idade do Ferro (HØGESTØL, 1983, *minhas estimativas*). A maior proporção de mortes infantis é vista em cemitérios medievais (GEJVALL, 1960).

A mortalidade infantil baseada em dados de cemitérios pré-históricos e medievais é uma questão de representatividade, dependendo da prática de sepultamento, das condições do solo e dos distúrbios de superfície, dos métodos de escavação e assim por diante. O material esquelético da Idade do Ferro dinamarquesa indica um número muito pequeno de crianças mortas em comparação com material europeu pré-histórico e medieval, incluindo a Escandinávia (SELLEVOLD *et al.*, 1984, Tabela 8-2). A mortalidade infantil na Idade do Ferro na Dinamarca talvez não tenha sido tão alta em todas as populações. O material dinamarquês decorre de áreas rurais que apontam para diferenças na saúde em geral e na distribuição dispersa de assentamentos. Em particular, a posição social e a prática de sepultamento devem levar em conta a pequena proporção de crianças na evidência material (SELLEVOLD *et al.*, 1984: 207-213).

As condições de saúde nas populações navais escandinavas pré-históricas têm sido, até certo ponto, um foco de investigação. Análises de dentes de indivíduos adultos dos grupos caçadores-coletores mesolíticos e dos primeiros agricultores na Idade da Pedra dinamarquesa deram evidências de uma população saudável praticando pelo menos 2 anos de lactação. No grupo etário mais jovem, 0-2 anos, não foram encontradas indicações de deformidades dentárias. Muito provavelmente isso é devido à amamentação. Poucas deformidades foram encontradas em idades entre 2 ½ e 7 anos e até 12 anos. As deformidades são maiores que nas populações modernas. Crianças gravemente doentes não sobreviveram, e dentes deformados não se desenvolveram (ALBRETHSEN *et al.*, 1976:21). A evidência dinamarquesa difere das descobertas provenientes de populações mesolíticas na França, Portugal e norte da África, onde foram detectadas deformidades dentárias seriamente desenvolvidas (ALBRETHSEN *et al.*, 1976). O potencial de análises arqueológicas e osteológicas na demonstração da condição de saúde, desnutrição e doenças de crianças pré-históricas é importante.

Outro potencial importante para o estudo do mundo da criança é o aspecto da aprendizagem. A transferência da tradição cultural de adulto para criança é essencial para o crescimento e a aprendizagem para lidar com o mundo circundante. Para a arqueologia, isso significa que o estudo da tecnologia é fundamental para entender como a aprendizagem é transmitida de uma geração para outra. O mais promissor é o exame de produtos de material residual de pedra de indústrias líticas. Através do estudo de como as técnicas das ferramentas de pedra são padronizadas, o especialista em tecnologia lítica pode contribuir para esse conhecimento. Devido ao fato de que os dados etnográficos do passado que lidam com as sequências de redução são escassos, uma abordagem recomendada seria através da arqueologia experimental e do estudo de padrões culturais de lascamento (FLENNIKEN, 1984:198-200).

Na arqueologia experimental, o traçado da individualidade do depósito de lixo e do conjunto de ferramentas foi realizado. A destreza de mão direita e esquerda tem sido

descoberta através do estudo dos primeiros lascamentos de pedras na África Oriental no Pleistoceno Inferior e Médio (ver LEWIN, 1986:115). Outro exemplo é o exame de conjuntos de material lítico em sítios da Idade da Pedra, usando o método de unir peças e o estudo de remontagem do material de bloco de pedra de sítios escavados (CAHEN *et al.*, 1979). Ao usar a montagem e plotagem de artefatos em um mapa do sítio na ordem em que estes são lascados, o movimento do lascador individual pode ser rastreado (COULSON, 1986:22). Pelo uso deste método, é possível estudar mais de perto a habilidade do lascador individual. O lascador sendo uma criança, um adulto ou uma criança aprendendo de um adulto, a questão é se é possível rastrear o processo de aprendizagem no material arqueológico.

Através do estudo das técnicas de redução bipolar, um arqueólogo sueco escolheu os núcleos bipolares e a medida da amplitude dos polegares das crianças, mulheres e homens modernos, para distinguir os produtos das crianças nos resíduos de um sítio mesolítico sueco (KNUTSSON, 1986). Os resultados de seu estudo foram negativos. As crianças não foram rastreadas nesse tipo de material. Knutsson explicou seus resultados da seguinte forma:

- As crianças não imitam as mãos dos adultos na fabricação de ferramentas.
- A largura do polegar não é decisiva para a produção de núcleos bipolares.
- Os polegares da população moderna de hoje são menores que os do homem mesalítico.

Os resultados de Knutsson sugerem que, para testar a hipótese da presença de crianças em sítios de assentamento, é necessário um material mais apropriado do que os núcleos bipolares. A abordagem de Knutsson para rastrear crianças no registro de material é, no entanto, digna de ser seguida. A combinação de examinar de perto o material lítico para ganhar experiência através de testes experimentais é um curso que parece necessário. Minha proposta é motivar os arqueólogos a incluírem pequenas mãos nos experimentos de produção de instrumentos. Um exame mais detalhado dos sítios de habitação também é necessário para rastrear as áreas de trabalho e de brincadeira nos assentamentos.

## CONCLUSÕES

A busca pelo mundo da criança no registro arqueológico está apenas começando. Esta revisão descreve tentativas feitas em extrair uma imagem do mundo da criança em sociedades passadas. Aqui demonstra-se que o estudo da arqueologia do mundo da criança tem sido restrito. Uma abordagem possível é concentrar-se em dois dos três aspectos definidos acima como o mundo da criança:

- a relação da criança com o meio ambiente;
- a relação da criança com o mundo adulto.

Também enfatiza que a busca pelo mundo de uma criança antiga é cheia de possibilidades e questões não resolvidas, dependendo dos métodos escolhidos para traçar o mundo da criança no registro arqueológico. Ambos os métodos diretos e indiretos são necessários para capturar as evidências. Prova direta de crianças é representada em sepultamentos e em achados similares que contêm restos esqueléticos. Outra evidência é alcançada indiretamente pelo uso de métodos analógicos em relação ao conhecimento geral histórico, médico e étnico-cultural da aprendizagem e brincadeira das crianças, suas condições de saúde e de vida, e posição no mundo adulto. Esses métodos não diferem

daqueles usados em áreas de pesquisa mais tradicionais da arqueologia. O que difere é a abordagem e as questões que surgem dela. A relação entre o mundo adulto e o mundo das crianças, em que o brincar funciona como um fator principal, é aqui de importância central. Ao contar os fatores de idade e de distinção de idade, a estrutura do registro arqueológico é ampliada. As análises e os testes do material tornam-se mais complexos. Como resultado, a imagem do mundo de uma criança emerge.

Enquanto a arqueologia continuar a considerar os achados arqueológicos como a principal barreira para abordar o assunto, as possibilidades de rastrear o mundo da criança são poucas. As potencialidades aumentam quando a arqueologia começa a se concentrar diretamente na criança e em seu mundo antigo. O principal obstáculo para encontrar o mundo da criança não é nem a criança nem o registro arqueológico, mas a própria compreensão e conhecimento da disciplina sobre o mundo adulto e seu ambiente nas sociedades do passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHTSEN, E. 1956. *Fynske jernaldergrave II*. Copenhagen.
- ALBRETHSEN, S. E., *et al.* 1976. De levede og døde . . . for 7000 år siden. *Nationalmuseets Arbejdsmark* 1976, 5-23.
- ALBRETHSEN, S. E. & BRINCH PETERSEN, E. 1977. Excavations of a mesolithic cemetery at Vedbaeck, Denmark. *Acta Archaeologica* 47, 1-28.
- AMBJÖRNSSON, R. 1974. Barnets fødsel. *Ord och bild* 1976 1, 2-15.
- ARIES, P. 1960. *Centuries of Childhood*. New York.
- BAKKA, E. 1961. Ein kleberbamse. Godbit fra Universitetet i Bergen, Historisk Museum. *Bergens Tidende* 5 juni, 1961, 2.
- BANG-ANDERSEN, S. 1976. Steinalderboplasser i Bykleheiene 1000 m.o.h. *Fra Haug ok Heidni* 6(4), 92-100.
- BANG-ANDERSEN, S. 1979. Fra barnets munn til arkeologens hånd. *AmS-Småtrykk* 5, 25-27.
- BARTH, F. 1976. Forskning om barn i sosial-antropologien. *Forskningsnytt* 21 (5), 43.
- BRAY, W. 1973. The biological basis of culture. In Renfrew, C. (ed.), *The Explanation of Culture Change: Models in Prehistory*, pp. 73-92. Research Seminar in Archaeology and Related Subjects. London.
- BRØGGER, A. W. 1921. Ertog og øre. *Videnskapselskapets Skrifter II. Hist.-filos. klasse*. 1921, 3.
- BRØNDSTED, J. 1966. *Danmarks Oldtid II. Bronzealderen*. Copenhagen.
- BØE, J. 1931. Jernalderens keramikk i Norge. *Bergens Museums Skrifter* nr. 14. Bergen.
- CAHEN, D., KEELY, L. & VAN NOTEN, F. L. 1979. Stone tools, toolkits and human behaviour in prehistory. *Current Anthropology* 20(4), 661-672.
- CHESKA, A. J. 1979. Native American games as strategies of societal maintenance. *1977 Proceedings of American Ethnological Society*, 227-247.
- COULSON, S. 1986. Refitted flint nodules from Songa, Telemark. *Universitetets Oldsaksamling Årbok* 1984/85, 17-22.
- DAIKEN, L. 1953. *Children's Toys Throughout the Ages*. London.
- DYRVIK, S. 1980. Borns oppvekstvilkår som emne for forhistorisk forskning. 'Barn og kultur' i humanistisk forskning. *Rapport fra en konferanse arrangert av Rådet for humanistisk forskning, NAVF*, 11-20, Oslo.
- ELDJARN, K. 1965. Leketøy. Island og Grønland. *Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder*, 495. Copenhagen.
- FLENNIKEN, J. J. 1984. The past, present and future of flintknapping. *Annual Review of Anthropology* 1984, 187-203.
- FOLEY, D. 1962. *Toys through the Ages*. Philadelphia-New York.
- FOX, S. J. 1980. Theoretical implications for the study of interrelationships between ritual and play. *1978 Proceedings of the Associations for Anthropological Study of Play. Annual Meeting* 4, 51-57.
- FREDRIKSEN, G. 1979. Barnegraven fra Leirhol i Valdres. *AmS-Småtrykk* 5, 20-24.
- GEJVALL, N.-G. 1960. *Westerhus. Medieval Population and Church in the Light of Skeletal Remains*. Stockholm.
- GJESSING, G. 1934. Studier i norsk merovingertid. *Det Norske Videnskaps Akademi Skrifter II. Hist.-Filos. Klasse* 1934, 2. Oslo.
- GJESSING, H. 1920. Gravundersøkelser paa gaarden Skreros, Setesdal. *Oldtiden* 8, 9-31.

- GRAHAM-CAMPBELL, J. & KIDD, D. 1980. *The Vikings*. London.
- GRAMBO, R. 1984. Barnekultur. In Hodne, B. & Sogne, S. (eds.), *Barn av sin tid. Fra norske barns historie*, pp. 169-177. Oslo. Bergen. Tromsø. Stavanger.
- GRIEG, G. 1933. Leketøi i byfundene fra Oslo og Bergen. *St. Hallvard* 9, 149-152.
- GRÄSLUND, A.-S. 1973. Barn i Birka. *Tor* 15, 161-179.
- GRÄSLUND, A.-S. 1981. *Birka IV. The burial customs*. K. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademien. Stockholm.
- GRØN, F. 1984 [1926]. *Om kostholdet i Norge indtil aar 1500*. Oslo.
- GUTTORMSSON, L. 1983. Childhood, youth and upbringing in the age of absolutism. A socio-demographic analysis. Summary. In Guttormsson, L. *Bernska, ungdom og uppheldi a einveldisöld*, pp. 220 - 226. Ritsafn Sagnfrædistofnunar 10. Reykjavik.
- HAGEN, A. 1953. *Studier i jernalderens gårdssamfunn*. Universitetets Oldsaksamlings Skrifter 4. Oslo.
- HASSAN, F. A. 1975. Determination of the size, density, and growth rate of hunting-gathering populations. In Polgar, S. (ed.), *Population, Ecology, and Social Evolution*. World Anthropology, pp. 27-52. The Hague. Paris.
- HERTEIG, A. 1961. *Bryggen i Bergen*. Bergen.
- HODDER, I. 1982. *The Present Past: An Introduction to Anthropology for Archaeologists*. London.
- HOVSTAD, J. 1956. Barneutbering. *Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder*, 347-348. Copenhagen.
- HØGESTØL, M. 1981. Markering av alder og kjønn i forhistorisk gravmateriale. *Nicolay* 36, 26 - 30.
- HØGESTØL, M. 1983. Gravskikk og kjønnsrelasjoner. Unpublished thesis magistergrad. University of Oslo.
- JACOBSEN, J. A. & LORENTZEN, A. H. 1986. Usynlige husfæller. *Skalk* 1986 2, 8-10.
- JOHANSEN, Ø. 1986. Miniaturrøsker fra mellomneolitikum; et tolkningsproblem. *Universitetets Oldsaksamling Årbok* 1984/85, 31-35.
- KEY, E. 1902. *Barnets aarhundrede*. Copenhagen.
- KNUTSSON, K. 1986. Några ord om barn, stötkantkärnor och pieces esquilles. *Fjölnir* 1986, 1, 29-39.
- LARSSON, L. 1984. Graberfelder und Siedlungen des Spätmesolithiums bei Skateholm, Südschonen, Schweden. *Archaeologisches Korrespondenzblatt* 14(2), 123-130.
- LARSSON, L. 1986. En barnegrav från jägarstenåldern. *Ystad Fornminnesförenings skrift* 30, 87-103.
- LEHTOSALO-HILANDER, P. L. 1974. Järnaldersgravfält som en spegel av samhället. *Kuml* 1973-74, 292-294.
- LEHTOSALO-HILANDER, P. L. 1982. *Luistari I-III*. Finska Fornminnesforeningens Tidsskrift 82. Helsinki.
- LEWIN, R. 1986. When stones can be deceptive. *Science* 231, 113-115.
- LILLEHAMMER, G. 1979. Gjemt og glemt – Barn i fortiden. *AmS-Småtrykk* 5, 4-7.
- LILLEHAMMER, G. 1982. Med barnet på vei inn i forhistorien. *AmS-Skrifter* 9, 97-102.
- LILLEHAMMER, G. 1986. Barna i Nordens forhistorie. Drøft metodegrunnlaget og kildenes bærekraft. *K.A.N.* 2, 3-21.

- LILLEHAMMER, G. 1987. Small-scale archaeology. In Bertelsen, R., Lillehammer, A. & Næss, J.-R. (eds.), *Were They All Men?* AmS-Varia 17, pp. 33-34, Stavanger.
- LINDQUIST, M. 1981. Mylingar – offer, utsatta barn eller forhistoriska barnbegravningar? *Gotländskt Arkiv* 1981, 7-12.
- LYSDAHL JENSEN, P. 1975. Jernalderlegetøj? *Hikuin* 2, 113-116.
- MALMER, M. 1962. *Jungneolithische Studien*. Acta Archaeologica Lundensia, Series in 8, No. 2. Lund.
- DE MAUSE, L. 1974. The evolution of childhood. In de Mause, L. (ed.), *The History of Childhood*, pp. 1-73. New York.
- NAA. 1980. *Nordic Archaeological Abstracts*. Viborg 1982.
- NORDGAARD, O. 1908. Træk av fiskeriets utvikling i Norge. *Det Kgl. Norske Videnskabers Selskabs Skrifter* 1. Trondhjem.
- NÄSMAN, U. 1973. Vapenminiatyrer från Eketorp. *Tor* 15, 94-102.
- ØSTBERG, B. 1979. *Barnas egen kultur*. Oslo.
- PETERSEN, J. 1951. *Vikingtidens redskaper*. Det Norske Videnskaps-Akademi i Oslo II. Hist.-Filos. klasse. Oslo.
- ROLFSEN, P. 1978. En barnegrav fra romertid. *Agder Historielag Årsskrift* 56, 103-107.
- RYDING, E. 1981. Børns lege og historien. In Clausen, C. (ed.), *Barndommens historie. En antologi*, pp. 183-212. Viborg.
- SELBOE, A.-C. 1965. Leketøj. *Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder*, 487-495. Copenhagen.
- SELLEVOLD, B. J., LUND HANSEN, U. & BALSLEV JØRGENSEN, J. 1984. *Iron Age Man in Denmark*. Prehistoric Man in Denmark. 3 Nordiske Fortidsminder Bind 8. Copenhagen.
- SHETELIG, H. 1918. Bergen Museums tilvekst 1914 og 1915, No. 33. *Oldtiden* 7. Kristiania.
- SIGSGAARD, J. 1979. Børnekultur, børnefolklore og kulturarv. *Folk og kultur* 1979, 128-138.
- SJÖBERG, A. 1976. Bronseåldersrösen vid Suderbys i Västerhejde. *Gotländskt Arkiv* 1976, 136-137.
- SOGNER, S. 1984. Barn – ressurs eller byrde? In Hodne, B. & Sogner, S., *Barn av sin tid. Fra norske barns historie*, pp. 15-21. Oslo. Bergen. Stavanger. Tromsø.
- SVENSSON, S. 1933. Leksaker och spel. *Nordisk kultur* 24, 97-103.
- TILLHAGEN, C.-H. 1956. Barnlek. *Kulturhistorisk leksikon for nordisk middelalder*, 349-352. Copenhagen.
- VINSRYGG, S. 1978. Reiskapar til sanking/primitivt jordbruk? Analyse av steinkøller med bora hol frå Rogaland. *Viking* 8, 27-68.
- VINSRYGG, S. 1979. Våre 'eldste' barn. *Ottar* 115, 30 - 34.
- WEBER, B. 1982. Leker eller? *Viking* 45, 81-92.
- WELINDER, S. 1979. *Prehistoric demography*. Acta Archaeologica Ludensia, Series in 8 Minore No. 8. Lund.
- WELINDER, S. 1986. *Det arkeologiska perspektivet*. Från Forntid och Medeltid 9. Lund.
- WHITING, B. & WHITING, J. W. M. 1975. *Children of Six Cultures. A Psycho-Cultural Analysis*. Cambridge, MA.
- ZERLANG, M. 1984. Overklassebarndommens historie. Kultur og revolution. *Kultur og klasse* 45, 129-131.